

COMO A DOCTRINA MILITAR DA OTAN FALHOU NA UCRÂNIA

Por Alex Vershinin*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

Nações europeias da OTAN planejam enviar tropas à Ucrânia, mas sem capacidade real e doutrina moderna, esse pode ser um passo catastrófico; a OTAN foi treinada para travar batalhas da Guerra Fria, mas a Rússia evoluiu.

A guerra na Ucrânia já dura mais de três anos. À medida em que as negociações de cessar-fogo decorrem, os principais membros europeus da OTAN, incluindo Alemanha, Reino Unido, França e Dinamarca, planejam proteger qualquer futuro armistício enviando suas tropas como forças de paz em uma “Coalizão dos Dispostos”.

Seu objetivo é dissuadir os russos de reiniciarem a guerra. Infelizmente, a dissuasão advém da capacidade de combate. Sem ela, não há dissuasão alguma. Essa capacidade está em questão. Os equipamentos e a doutrina da OTAN foram desenvolvidos para a Guerra Fria e testados nas montanhas do Afeganistão. Não foram testados em guerra convencional e precisam absorver as lições da guerra na Ucrânia para oferecer uma opção militar às elites europeias, independente dos Estados Unidos.

Muitos especialistas militares ocidentais não apreciam a evolução da guerra. Eles acreditam que a doutrina de “armas combinadas” da OTAN destruirá o Exército russo. Infelizmente, a tecnologia emergente aumentou o poder de fogo defensivo

a ponto de anular a capacidade de proteção do atacante. A combinação de artilharia e drones destrói qualquer força atacante antes que ela possa penetrar em profundidade. Até o momento, a liderança da OTAN não parece ter adaptado sua doutrina, equipamento ou treinamento profissional ao novo ambiente.

A doutrina da OTAN evoluiu a partir da “Batalha Aérea Terrestre” dos EUA, desenvolvida para impedir que tanques soviéticos em massa invadissem o Fulda Gap, na Alemanha, na década de 1980. As unidades da linha de frente não afetavam mais de 15 km, o alcance máximo da artilharia na época. Os meios de reconhecimento eram principalmente batedores ou aeronaves tripuladas, e nenhum deles conseguia estabelecer uma observação persistente da retaguarda inimiga por muito tempo.

A guerra na Ucrânia alterou esse ambiente. A proliferação de drones permitiu que ambos os lados estabelecessem observação persistente a 30-100 km de profundidade. Sistemas de ataque, como drones de curto alcance com visão em primeira pessoa (FPV, *first person view*), podem atingir 30 km além da linha de frente, e drones de asa fixa, como os “Lancets”, podem atingir 70 km. O alcance da artilharia aumentou de 15 km para 50 km e, em alguns casos, para 70 km.

O amplo alcance das armas facilita o fogo em massa (fogo de duas ou mais armas direcionadas a um único alvo ou área). Na década de 1980, um batalhão atacante só podia ser engajado por sistemas de ataque de um batalhão adversário; hoje, ele pode ser atingido por fogo completo de três a cinco batalhões inimigos na linha oposta.

As áreas “seguras” na retaguarda aliada desapareceram. Chegar à frente de batalha é uma jornada de 50 a 70 km sob constante observação e ataques inimigos. Qualquer formação grande que se mova por essa zona provavelmente será destruída antes de chegar à frente de combate. Por exemplo, durante a contraofensiva de Zaporozhye, grande parte das forças mecanizadas ucranianas foi destruída sem sequer romper os campos minados externos russos.

A maioria dos especialistas presume que a Ucrânia não seguiu a doutrina da OTAN. Isso é falso. A Ucrânia tentou a doutrina da OTAN, mas a abandonou após seu fracasso no campo de batalha. Por exemplo, faltava-lhe um conceito realista para lidar com campos minados e fortificações inimigas. Instrutores alemães disseram aos incrédulos soldados ucranianos: “*Apenas contornem os campos minados.*”

Este conselho provou ser suicida diante dos sapadores russos/soviéticos, cuja reputação por campos minados enormes e complexos remonta à Segunda Guerra Mundial.

A principal armadilha da doutrina da OTAN é que ela pressupõe uma superação maciça em equipamentos, munições e poder aéreo, proporcionada por uma base industrial avassaladora. Sem essas vantagens, a doutrina da OTAN não produz resultados.

Há também falta de profissionalismo entre os oficiais da OTAN, decorrente de mais de 20 anos de “Guerra ao Terror”, que atrofiou a educação profissional em

áreas da guerra convencional. A perda de conhecimento institucional afetou profundamente as forças armadas ocidentais e é exacerbada pela arrogância conquistada com vitórias sobre potências mais fracas.

O artigo do *New York Times*, [*Secret History of the War In Ukraine*](#) (“*História Secreta da Guerra na Ucrânia*”), descreve as consequências da mentalidade da OTAN. Recorrendo à experiência adquirida na Guerra ao Terror, os conselheiros americanos concentraram-se em fogo de longo alcance, mas negligenciaram completamente a cavalaria (batedores mecanizados pesados).

Os cinturões de defesa russos são precedidos por “zonas de segurança”, uma área com cerca de 10 km de profundidade, mantida por batedores mecanizados pesados dispersos, encarregados de manter os batedores inimigos afastados do cinturão de defesa principal e dismantelar a força principal do atacante. Nas batalhas de Kherson e Zaporozhye, a linha de postos avançados russos rotineiramente dispersou os ataques ucranianos com pesadas perdas, antes que esses ataques atingissem os cinturões de defesa principais.

Uma questão semelhante surgiu na batalha de Krinky, onde conselheiros britânicos experimentaram uma nova doutrina de guerra anfíbia, sacrificando o Corpo de Fuzileiros Navais Ucraniano no processo. Até mesmo conselheiros americanos acreditavam que tinham zero chance de sucesso. O *feedback* da frente era filtrado pelo prisma da cultura militar familiar da OTAN e raramente resultava em doutrina e modelos de treinamento atualizados da OTAN.

Observando o último exercício da OTAN no Báltico, soldados franceses ainda limpavam trincheiras, em grandes grupos, usando armas de pequeno porte. O único drone visível é o do repórter que tirava fotos de relações públicas. Enquanto isso, na Ucrânia, o Exército russo usa drones em todos os níveis, desde fornecer atualizações instantâneas às tropas de assalto até lançar granadas em pontos fortes à frente delas. Para preservar a vida dos soldados, granadas e explosivos de grande porte são usados para limpar *bunkers* e cantos em vez de enviar homens.

Os franceses parecem não usar nenhuma dessas táticas. O resultado do confronto entre essas duas forças não é difícil de prever.

Um cenário semelhante parece estar no ar, onde ambos os lados voam baixo, empregando munições de *standoff*, lançadas a partir da segurança fornecida pela defesa aérea aliada. Bombas planadoras são as armas preferidas tanto por russos quanto por ucranianos, reduzindo o tempo de exposição e as perdas de aeronaves para um dígito.

A OTAN adotará essa prática? Improvável. Especialistas militares da OTAN ainda falam em obter superioridade aérea e penetrar o espaço aéreo além da linha de frente, voando até o coração das defesas aéreas russas. Sem a enorme Força Aérea dos EUA, os europeus rapidamente ficariam sem aeronaves. Esse problema é agravado pelas baixas taxas de prontidão; por exemplo, apenas 30% das aeronaves alemãs conseguem voar.

O equipamento é outro ponto sensível. A Europa doou tanto que está quase esgotada. Em uma guerra centrada na artilharia, muitos membros da OTAN (Reino Unido, Dinamarca) não têm nenhuma. Os fabricantes de armas ocidentais se concentraram no desempenho em detrimento da massa, resultando em poucas soluções artesanais que se desgastam rapidamente em combates prolongados. A guerra na Ucrânia consome equipamentos a uma velocidade que o Ocidente não consegue substituir. Por exemplo, a produção de artilharia M777 doada, anunciada como revolucionária, não consegue acompanhar as perdas e, a essa altura, está quase toda destruída.

O desgaste levanta outra questão. Como regenerar a mão de obra? Os russos usam patriotismo e incentivos financeiros. A Ucrânia utiliza um recrutamento militar cada vez mais draconiano. O que os europeus farão? No momento, os principais países europeus têm exércitos de voluntários e estão lutando para preencher as fileiras. O público europeu se opõe ao envio de tropas para a Ucrânia, portanto, um aumento repentino de voluntários é improvável.

Isso nos leva à introdução do recrutamento militar, que é sempre uma medida impopular, e a crise migratória corre o risco de agravar a situação. É improvável que novos cidadãos lutem na Ucrânia sem uma grande agitação. Excluí-los resultará em uma agitação igualmente grande entre a população indígena europeia. De qualquer forma, o recrutamento militar ameaça despedaçar as sociedades europeias.

Em vez de dedicar tempo para aprender as lições da Ucrânia e melhorar sua capacidade de combate, a OTAN parece presumir que os russos não sabem lutar. Enquanto isso, tanto os índices de treinamento quanto a prontidão de equipamentos europeus são péssimos.

Aqui reside o enigma final. Dada a inadequação das forças europeias da OTAN para travar uma guerra sustentada, é preciso perguntar: o que esperam os líderes europeus? Será que se iludem pensando que a Rússia está perdendo e que podem derrotá-la na guerra, como alguns nos EUA? Estarão blefando ou presumindo que a mera visão de forças ocidentais fará os russos capitularem?

Por que estão dispostos a correr o risco real de uma derrota militar, com todas as suas consequências políticas e econômicas negativas? A Europa precisa abordar essas questões antes que um erro catastrófico seja cometido.

Publicado no [Responsible Statecraft](#).

**Alex Vershinin é tenente-coronel aposentado do Exército dos EUA. Em 20 anos de serviço, serviu oito anos como oficial de blindados, com quatro missões de combate no Iraque e no Afeganistão, e 12 anos como oficial de modelagem e simulações na OTAN e no Exército americano, trabalhando no desenvolvimento de conceitos e experimentação.*
